

CONTARDO CALLIGARIS

A mulher de vermelho e branco

Uma história de Carlo Antonini



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Contardo Calligaris

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

© Jayme Thornton / Getty Images

Revisão

Márcia Moura

Luciana Baraldi

Os personagens e as situações desta obra são reais no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calligaris, Contardo

A mulher de vermelho e branco: uma história de
Carlo Antonini / Contardo Calligaris. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1843-4

1. Ficção brasileira. I. Título

11-03018

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacia.com.br

25 de junho a
11 de julho
Nova York

Minha lembrança mais viva de Woody Luz é do nosso último encontro em julho de 2003, antes das férias.

“Vermelho e branco”, ela dizia, “só vermelho e branco. Tudo vermelho e branco. Vai ser uma festa linda, uma festa vermelha e branca.”

Woody (que na verdade se chamava Tânia — Tânia Luz) estava sentada na beira da poltrona; suas nádegas mal pareciam tocar o veludo do assento. Já fazia uma meia hora que ela se mantinha assim, afastada do encosto, como alguém que quisesse ficar apenas um minuto, prestes a se levantar e ir embora. Ela se erguia reta e rígida — o pescoço rígido, mas não reto: desde o começo de nossa entrevista, sua cabeça continuava imóvel e fortemente inclinada para a esquerda (minha esquerda). O rosto estava deformado por um sorriso forçado e excessivo ao qual seus lábios imediatamente voltavam cada vez que ela parava de falar. Mais impressionante ainda: Woody Luz não piscava — não que eu pudesse notar.

“Como assim?”, perguntei, “o que é uma festa vermelha e branca?”

Essa história de vermelho e branco, eu deveria ter investigado antes. Afinal, em todos os nossos encontros até então (quatro, incluindo o que estava acontecendo) Woody, ou Tânia, que fosse, tinha comparecido sempre vestida de vermelho e branco. Naquele dia, por exemplo, antes de sentar-se, ela tirara seu impermeável vermelho e o deitara sobre o divã do consultório; embaixo dele, vestia uma blusa branca, uma saia vermelha e meias brancas. Calçava escarpins de um vermelho mais intenso e escuro que o da saia e o do impermeável, mas de um tom igual ao do cinto e ao da bolsa, que ela colocara, como uma espécie de escudo, em cima dos joelhos e à qual agora se agarrava com as duas mãos. Além disso, usava sempre uma base ou um pó de arroz muito claro, quase clownesco, que contrastava com as unhas e os lábios, pintados de um vermelho-vivo exagerado.

“Vermelha e branca”, ela respondeu, como se as cores, por si sós, contivessem uma explicação óbvia da festa projetada. E acrescentou, sem piscar nem deixar de voltar ao sorriso forçado entre cada frase: “Será uma festa pequena. Só eu e as crianças. Tudo vermelho e branco”.

Um arrepio subiu pelas minhas costas e desceu pelos braços. Estava tudo errado. Tudo, desde o começo.

Era julho, 11 de julho, uma sexta-feira. Era o fim da última sessão de meu último dia de trabalho antes das férias. No dia seguinte, viajaria a São Paulo e ficaria no Brasil mais de quarenta dias.

“Eu sou um idiota”, pensei.

A sra. Luz viera me pedir uma psicoterapia três semanas antes, em 25 de junho, e eu lhe ofereci duas possibilidades. Eu a encaminharia a um colega que fosse permanecer em Nova York

durante o verão e com quem ela poderia, portanto, começar um tratamento, ou então ela esperaria até minha volta, no fim de agosto.

“Por que esperar? Por que não começar agora?”, tinha me perguntado a sra. Luz.

Eu respondi que evito começar um tratamento sem a perspectiva de alguns meses de trabalho; não gosto de interromper uma terapia sem ter tido tempo de entrar na história do paciente e de me familiarizar com seu mundo. Também acho temerário abrir gavetas sem dispor do tempo necessário para arrumá-las ou fechá-las de novo. E não há como saber, no começo de uma terapia, que gavetas se abrirão.

A sra. Luz era americana de nascimento, mas brasileira de fato; só tinha passado os dois primeiros anos da infância nos Estados Unidos. Embora fosse perfeitamente bilíngue, preferia falar português na análise. Disse-lhe que isso não era um problema; eu poderia encaminhá-la a um colega brasileiro.

Nada feito: ela queria se analisar comigo. Então, se não houvesse urgência, eu disse, que ela esperasse a minha volta; eu mesmo entraria em contato no fim de agosto.

Ela insistiu e explicou que eu não devia me preocupar com ela e com suas “gavetas”. Acrescentou, ironicamente, que aguentaria sem problema a nossa separação temporária e, caso eu me esquecesse das nossas conversas iniciais, ela não se importaria em repetir tudo quando a gente se reencontrasse e recomeçasse o trabalho. Aliás, não iríamos “recomeçar” nada: “Se você prefere pensar assim, quando você voltar, no fim de agosto, faremos de conta que estamos começando do zero, o.k.?”.

Talvez com a intenção de me tranquilizar quanto à eventual “gravidade” do seu caso, a sra. Luz acrescentou que estava terminando o mestrado de assistente social e que um dia seria

terapeuta. Ou seja, eu precisava entender que ela não estava me procurando por causa de algum transtorno “sério”, ela “só” queria se analisar para poder ela mesma se tornar psicoterapeuta. Em seguida, ela listou textos meus que tinha lido e que a levavam a querer, como ela disse, “formar-se” comigo.

Razão a mais, pensei, para me livrar dela. No meu trabalho, não tenho vocação pedagógica. Prefiro enfrentar o desespero, a aflição ou mesmo a depressão a lidar com a vontade de aprender; sempre desconfio de que a vontade de aprender sirva para esconder dores que não querem ser ditas e que permanecerão seladas. Aproveitei para lembrar a ela que uma análise didática deveria ser de, no mínimo, três sessões por semana, e eu não disporia de horários para isso, nem na volta das férias.

Ela não me deixou terminar e declarou que não tinha pressa; aumentaríamos o número de sessões mais tarde, quando meus horários estivessem livres.

Um golpe final acabou com as minhas objeções: como eu, ela iria viajar em meados de julho e voltaria no fim de agosto. Ia visitar a família, no Brasil, em São Paulo.

“São Paulo nós temos em comum, não é?”, disse, procurando minha cumplicidade. Não reagi. Era possível que ela soubesse que eu estaria no Brasil na mesma época que ela; a palestra que me servia de pretexto para viajar aconteceria em São Paulo e já estava sendo anunciada havia algum tempo.

A sra. Luz acrescentou que as poucas sessões que poderíamos ter antes das férias seriam bem-vindas porque havia, sim, um problema sobre o qual ela queria conversar comigo desde já. Nada grave, nenhum transtorno, como ela dissera, mas ela tinha dois filhos, um casal, que ela adorava, e, agora que eles estavam na adolescência, ela e o marido não paravam de discordar sobre o que permitir ou tolerar e o que proibir. Eram diferenças que iam muito além do que ela imaginara,

divergências que ameaçavam seu casamento e que já tinham lhe dado vontade, no passado, de enfiar os filhos embaixo do braço e fugir justamente para o Brasil. Óbvio, ela não ia fazer isso. Até porque, ultimamente, o marido parecia mais disposto a escutar a ela e às crianças. Mesmo assim, era urgente que ela ao menos esclarecesse as coisas, começasse a entender, para decidir o que fazer. Falar disso comigo, acrescentou, seria um alívio, pois esse era um assunto sobre o qual ela conseguia conversar apenas com a mãe, que vivia em São Paulo e só sabia sugerir que ela se divorciasse logo. A mãe nunca tinha aprovado seu casamento, e o pai, se ainda estivesse vivo na época, teria desaprovado ainda mais do que a mãe.

Bom, o fato é que Woody, ou Tânia, tendo defendido todas as bolas que mandei, ganhou a partida, e acabei aceitando que a gente se encontrasse algumas vezes antes das férias.

Nas duas primeiras entrevistas, fiquei sabendo, para começar, por que e como a sra. Luz tinha nascido em Nova York, em 1970. A roupa e a maquiagem pesada, aliás, não a faziam parecer propriamente mais velha do que seus trinta e poucos anos, mas lhe conferiam a aparência de uma senhora, não de uma jovem mulher.

Em 1966, seus pais, ambos paulistanos, ofereceram-se de presente de casamento uma viagem aos Estados Unidos. Em princípio, deveria ser uma estadia turística de um ou dois meses; ficaram sete anos. Fizeram de tudo um pouco, colheram laranjas na Califórnia e maçãs na Nova Inglaterra, viajaram muito, drogaram-se um pouco, tocaram, cantaram e viveram de bicos.

“Nada a ver”, explicou Woody/Tânia, “com os imigrantes que chegaram nos anos oitenta e continuam chegando. Eles podiam não ter grana, mas não eram imigrantes ‘econômicos’” — aqui ela levantou as mãos para desenhar as aspas no ar.

“Eram imigrantes...”, hesitou antes de concluir, “imigrantes tropicalistas”. Quase rindo, citou: “Casaram-se pedindo coca-cola e foram para os Estados Unidos caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento”. Imediatamente, criticando-se, acrescentou: “Chavão, hein?”.

Era difícil não gostar da fala de Woody, ou Tânia — ela era sintética e conseguia ser profunda por alusão ou por ironia. Mas esse mesmo estilo fazia com que ela parecesse bizarra, pois se expressava de um jeito que contrastava brutalmente com sua aparência. Escutá-la era como escutar um ventríloquo: o boneco era uma senhora presa em roupas vermelhas e brancas de corte e feitiço tradicionais, se não antiquados, com o rosto pesadamente maquiado e contido, quase botoxado, enquanto a voz parecia provir de uma jovem descolada, que poderia estar, quem sabe, escondida atrás da poltrona. Eu ficava com a impressão de que a jovem descolada, de uma hora para outra, denunciaria aquela senhora careta que ela vestia como se fosse uma máscara. Essa dualidade, essa contradição, eram vagamente inquietantes.

Nos anos 1960, no Brasil, o pai era professor de inglês (inglês dos Estados Unidos, língua, cultura e literatura); ele também tocava guitarra elétrica, country mais que rock, “que nem Bob Dylan em 1965”. A mãe, secretária, conhecera o pai, justamente ao procurar um curso de inglês; “o pai extrapolou e levou a aluna para estudar a língua na fonte”.

Na verdade, tudo tinha sido por causa do golpe de 1964. Não que eles fossem militantes e corressem algum perigo. Isso não, mas os pais contavam que, depois do golpe, passaram a se sentir totalmente estrangeiros no Brasil; entre seus amigos próximos, que eram todos de esquerda, não havia mais ninguém com quem conversar. De repente, os Estados Unidos, para todos, eram o titereiro que manjava os fios de Castello Branco ou Costa e Silva.